

PRODUZIR ALIMENTO E COMPARTILHAR CONHECIMENTO: A TRAJETÓRIA AGROECOLÓGICA DE DONA LÚCIA



Dona Lúcia colhendo hortaliças em seu quintal produtivo

A cada dia, o Semiárido passa por mudanças significativas, resultado da dedicação de milhares de pessoas que nele vive. Dona Maria Lúcia Martins é uma agricultora que vem somar-se a essas pessoas, com muitas histórias pra contar. Em sua pequena propriedade na comunidade Morada Nova, no município de Pereiro, seu trabalho encanta os olhos de quem ali chega. “Aqui tem chovido muito pouco de uns tempos pra cá. A luta da gente é grande. Eu saio de casa muito cedo pra chegar aqui e cuidar das minhas plantas. Mas vale muito a pena. É só ver como o meu quintal é bem verdinho e fresquinho e no caminho é só mato seco”. Dona Lúcia faz referência às terras ao redor do seu quintal que sofrem um processo de erosão. “É porque por muito tempo o pessoal só quis saber de plantar depois de queimar. Aí não tem terra que agente, né?” diz a agricultora.

Ela conta que desde muito nova viu que o caminho era plantar sem usar veneno. “Aí eu fui conhecendo umas pessoas que plantavam sem queimar e sem usar veneno. Como eu sou curiosa, resolvi experimentar”. Ao fazer um giro pelo quintal é fácil encontrar coentro, couve, salsa, jerimum, cebola, alface, pimenta, banana, romã, entre outras frutíferas e hortaliças. “Eu tô fazendo um novo canteiro de alecrim, arruda... Ah, eu tenho também caju. Eu não vendo as castanhas pra depois ter que comprar um pacote de bolacha, né?”



Feira Agroecológica e Solidária em Pereiro



Dona Lúcia participando de reunião

Dona Lúcia participa de várias atividades na comunidade. “Aqui onde eu moro, a gente trabalha muito em mutirão. Começou com as campanhas da fraternidade. A gente ia na casa de uma pessoa e fazia um novo reboco, limpava o quintal... Eu digo que o meu trabalho é doação! Eu gosto de doar meu tempo, meu amor. Agente dá aula de catequese também. Agora eu tô me dedicando à casa de sementes. Eu digo que a gente não acha espinho. Só acha flor! Mas se você quer uma coisa, tem que insistir, porque na vida nada é fácil. Aí hoje eu tenho o maior orgulho do meu quintal. Vem é gente de fora só pra conhecer e nem acreditam, depois de tanta caminhada que vão enxergar esse paraíso”, conta com um grande sorriso.

A participação na Feira Agroecológica e Solidária que acontece desde o ano passado na sede do município é mais uma conquista de dona Lúcia. “A gente se reunia fazia tempo. Eu participo da comissão municipal que acompanha a construção das cisternas aqui. Quando eu soube que ia ter uma feira, eu me animei, mesmo sabendo que as chuvas tavam poucas. Tinha gente que falava que a gente só fica é arranjando mais trabalho, mas se não for desse jeito, vai ser como?”



Dona Lúcia na feira, vendendo seus produtos

Após participar das formações sobre gerenciamento e comercialização para a feira solidária, dona Lúcia nos disse que “a produção ainda está pequena, mas dá pra vender, porque as pessoas valorizam quem planta sem usar veneno. Eu vendo banana, doce, verdura, carne de bode, galinha caipira e algumas verduras. Mas a feira não é só venda. É muito riso e abraço... é uma festa! Meu desejo agora é conseguir a cisterna de produção, que dá pras plantas e pros animais”, diz toda animada. Isso porque a água que dona Lúcia utiliza no seu roçado vem de um olho d’água que vem secando com o passar do tempo.

A resistência de dona Lúcia vai para além do quintal e da feira. Por ser mulher, ela diz que ainda sofre discriminação. “Tem gente que fica falando que eu devia ficar era em casa. Mas se eu aprendi muita coisa e quero continuar aprendendo, eu tenho que ir é pros lugares onde a gente conversa com outras pessoas que pensam parecido com a gente. E continuar doando amor”, conclui.



Dona Lúcia colhendo frutas para vender na feira



Fartura que vai à mesa



Olho d’água no quintal de dona Lúcia

Realização

Apoio



Articulação
Semiárido
Brasileiro



Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome

